

## Diálogos Entre Discursos, Sujeitos E Identidades

Luiz Eduardo Guedes<sup>1</sup>, Nagila Maria Silva Oliveira<sup>2</sup>,  
Pabla Alexandre Pinheiro da Silva<sup>3</sup>, Tamara Afonso dos Santos<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal do Acre, Brasil

<sup>3</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Brasil

<sup>4</sup>Universidade Federal de Rondônia, Brasil

---

### Abstract:

**Introdução** As categorias de análise de discurso, sujeito e identidade são fundamentais para compreender as relações entre linguagem e sociedade. Essas categorias de análise são importantes porque nos permitem compreender como a linguagem é usada para construir e manter as relações sociais e como ela afeta a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor. Elas também nos permitem revelar as relações de poder e dominação presentes nos discursos e como essas relações afetam a forma como os sujeitos se constroem e se identificam em uma sociedade.

**Material e Método:** O corpus é composto por textos teóricos de autores como Deleuze (1991), Hall (2006), Foucault (1987; 2003; 2009; 2010; 2011), Pêcheux (1988) e Volóchinov (Círculo de Bakhtin) (2017). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

**Resultados:** Os resultados mostram que os aspectos abordados neste estudo assumem relevância na constituição enquanto pesquisadores de estudos da linguagem para possibilitar a problematização e o uso crítico dessas categorias.

**Conclusão:** Os aspectos abordados neste estudo são relevantes para a formação de pesquisadores em estudos da linguagem, uma vez que permitem a problematização e o uso crítico das categorias de análise de discurso, sujeito e identidade. Isso significa que essas categorias são fundamentais para uma análise mais aprofundada e crítica da linguagem e das relações sociais que a cercam.

**Palavras-chave:** Discursos, Sujeitos, Identidades.

---

Date of Submission: 02-05-2023

Date of Acceptance: 12-05-2023

---

### I. Introduction

Este trabalho, escrito a oito mãos, visa apresentar reflexões a respeito dos conceitos de discurso, sujeito e identidade a partir de textos lidos no decorrer da disciplina Discursos, Sujeitos e Identidades do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (Ufac) como instrumento de avaliação na referida disciplina, que tinha como objetivo "desenvolver leituras e reflexões acerca da relação entre discurso e acontecimento, pontuando os embates em torno das questões identitárias"<sup>1</sup>

Durante a disciplina, tivemos a oportunidade de problematizar a relevância da análise do discurso para o estudo da linguagem, considerando as categorias identitárias, a importância da alteridade para a formação de um pensamento a respeito da enunciação na linguagem. Além disso, discutimos questões de autoria, linguagem, subjetividade e intersubjetividade, noções de sujeito e identidade a partir de diferentes abordagens teóricas que compõem as teorias da desconstrução. Por fim, analisamos categorias como cultura, linguagem, sociedade e identidade, partindo dos diferentes matizes dos estudos culturais e do discurso pós-colonial.

Para este trabalho, elencamos como categorias de análise noções de discurso, sujeito e identidade por entender que tais categorias são importantes para os estudos da linguagem, portanto, estão presentes em nossas pesquisas. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar os usos que diferentes teóricos fazem destas categorias em diferentes abordagens epistemológicas.

Compreendemos que estas categorias de análise, objeto deste trabalho, possuem uma natureza complexa, visto que, os teóricos estudados na disciplina possuem compreensões muitas vezes divergentes. Essa multiplicidade de concepções implica consequentemente a nós, enquanto pesquisadores, realizarmos escolhas teóricas e determinar com quais estudiosos e concepções iremos dialogar. Neste cenário, optamos por não

---

<sup>1</sup> Plano de Curso da disciplina LEM 410 Discursos, Sujeitos e Identidades, 2021

restringir o texto em sua completude a um único teórico, mas seguir com diferentes escolhas teóricas para cada categoria de análise, estabelecendo os diálogos e entrelaçamentos possíveis.

## **II. Materiais e Métodos**

Os aspectos metodológicos deste artigo acadêmico consistem em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa de acordo com Paiva (2019). A escolha dessa abordagem qualitativa permite uma análise aprofundada dos textos teóricos selecionados. O objetivo é compreender e interpretar as contribuições desses autores para o tema em questão.

O corpus da pesquisa é composto por textos teóricos de diversos autores. Os principais nomes incluídos são Deleuze (1991), Hall (2006), Foucault (1987; 2003; 2009; 2010; 2011), Pêcheux (1988) e Volóchinov (Círculo de Bakhtin) (2017). Esses autores são referências importantes no campo em que o estudo se insere, e suas obras são fundamentais para a compreensão e análise do tema proposto.

A pesquisa bibliográfica consiste na busca, seleção e análise crítica de fontes secundárias, neste caso, textos teóricos. A escolha desses textos foi feita com base em critérios de relevância para a pesquisa, considerando a contribuição teórica que cada autor oferece ao tema em estudo (PAIVA, 2019).

Durante a condução da pesquisa bibliográfica, foram utilizadas técnicas de leitura atenta e análise crítica dos textos selecionados. Foi realizada uma leitura minuciosa dos escritos de cada autor, buscando compreender seus argumentos, conceitos e perspectivas teóricas. A partir dessa leitura, foram identificadas as principais ideias e debates presentes nos textos teóricos, permitindo uma análise comparativa e a construção de um panorama teórico consistente.

Por fim, os resultados da pesquisa bibliográfica foram interpretados e discutidos com base em uma abordagem qualitativa. Foram estabelecidas relações entre as diferentes teorias e perspectivas dos autores, identificando convergências, divergências e possíveis complementaridades. Essa análise proporciona uma compreensão mais ampla e aprofundada do tema em estudo, contribuindo para a construção de conhecimento no campo acadêmico.

## **III. Resultados e Análises**

Esta seção está organizada em três partes: na primeira parte discutimos a noção de discurso dialogando com Bourdieu (1986), Gramsci (1986), Foucault (2003; 2009; 2010; 2011) e Pêcheux (1988); na segunda parte, nosso foco de reflexão é a noção de sujeito, a partir das contribuições teóricas de Pêcheux, Foucault, Lacan e o Círculo de Bakhtin (2017); na terceira e última parte, dialogamos com Gramsci (1987, 1989) e Foucault (1987) para pensar a categoria identidade.

## **IV. Discurso**

Na análise do discurso, o sujeito não é um ser individualizado, é, na verdade, um ser social produzido em um espaço/tempo coletivo. Sua existência se dá em um espaço social a partir de práticas discursivas. Falar de sujeito e de identidade implica também falar de discurso, entendendo que “não há identidade sem sujeito e não há sujeito sem discurso” (HALL, 2006). É a partir desse entendimento que os estudos culturais e os estudos da análise do discurso problematizam o sujeito como ser discursivo.

Essa percepção do sujeito do discurso foi um aspecto importante para o estudo das práticas sociais realizados por Gramsci, a partir do materialismo histórico, esse filósofo produziu os conceitos de Estrutura e Superestrutura e Bloco Histórico, já mencionando o caráter ideológico da língua e atribuindo relevância às práticas de linguagem nas relações de poder quando destaca que é a partir delas que construímos nossas crenças, opiniões e modos de agir. É pela linguagem, mais especificamente pelas práticas discursivas que se altera o bloco histórico descrito por Gramsci.

Este autor enfatizou a importância do discurso nas práticas sociais quando afirmou que a “concepção verbal” influi sobre nossa conduta moral e dirige nossa vontade, enfatizando assim que a hegemonia só se sustenta por meio do consentimento e da coerção. Dito de outra forma, Gramsci ao formular o conceito de Estrutura e Superestrutura já tinha clareza de que para um grupo social assegurar sua hegemonia ele precisa difundir suas ideias para alcançar o consentimento e quando não o consegue pela via discursiva recorre-se a coerção, que seria a violência. O filósofo admite ainda que, somente a força coercitiva não é suficiente para manter a hegemonia de um grupo, sendo necessário a prática do convencimento.

Mesmo sem ser um analista do discurso e sem intenção de formular uma metodologia de análise de discurso, Gramsci ao problematizar sujeito, linguagem e ideologia produziu bases sólidas para o campo da análise de discurso. É nessa base materialista que Pêcheux vai refletir sobre discurso como ponto intermediário entre linguagem e ideologia, procurando produzir um método de análise de discurso, criando a Análise do Discurso Francesa.

Há de se considerar que quando falamos de discurso é preciso fazer escolhas teóricas, haja vista que, existem divergências e convergências quando tratamos dessa categoria de análise. Para este artigo, pontuamos

questões que nos permitem entender a importância das práticas discursivas na produção de subjetividades e na constituição de processos identitários, a começar por alguns conceitos que sustentam essa afirmação, tais como enunciado, formação discursiva, interdiscurso e intradiscurso.

Como bem pontuou Foucault (2009), a produção de discurso é sempre controlada, selecionada, organizada e redistribuída por meio de mecanismos de exclusão, proibição e delimitação dos discursos. O discurso é um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, entendendo-se enunciado como acontecimento e formação discursiva como campo de saber/conhecimento. É por meio de formações discursivas que atribuímos significado a nossas práticas sociais e produzimos nossas subjetividades.

Somos, a todo instante, interpelados ou representados por formações discursivas que expressam relações de poder. Somos resultados de múltiplas vozes e dizeres que nos deslocam por diferentes centros de poder. Esse caráter polifônico de nossas práticas discursivas é produzido na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso, entendendo interdiscurso como memória discursiva e o intradiscurso como fio condutor dos discursos que se deslocam dentro de um espaço/tempo de uma formação discursiva para outra, tal como enfatizou Pêcheux (1988).

Os enunciados são frutos de um resgate do já dito, numa relação entre interdiscurso e intradiscurso, em que articulam-se palavras para resgatar sentidos possíveis às práticas sociais que produzem nossas identidades. Fischer (2013, p. 139) lembra que para Foucault “os discursos não preexistem às cenas enunciativas: eles as constituem permanentemente, e na mesma medida são constituídos por elas”.

Nossas práticas discursivas estão sempre localizadas em um espaço discursivo e de um campo de saber. Ao falar, estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras dadas historicamente, de modo que todo enunciado está apoiado em um conjunto de signos. Reconhecendo as linhas de luta que atravessam as práticas discursivas, ao propor um estudo discursivo, o foco não deve ser encontrar verdades, mas sim identificar continuidades e descontinuidades históricas que deslocam as representações sociais a partir do que é dito e não dito, as posições de sujeito e as relações de poder implicadas em formações discursivas.

Silva (2013) afirma que Bourdieu deslocou o termo discurso da visão estruturalista e o alocou na condição de “símbolo de riqueza e de autoridade”, cuja produção dá-se pela valorização e desvalorização, validação e invalidação nas relações de poder que envolve fatores linguísticos e extralinguísticos. Na arqueologia do saber, Foucault (2009) interessou-se pelas práticas discursivas de determinados campos de saber, pensando o discurso como prática que produz subjetividade e representações sobre o sujeito, em que as formações discursivas funcionam como matrizes de sentido em que nos reconhecemos, nos significamos e nos subjetivamos.

No entanto, retomando a ideia de discurso como “símbolo de riqueza e de autoridade” de Bourdieu (1983), bem como de seus fatores linguísticos e extralinguísticos, podemos dialogar com aquilo que Foucault (2003) denominou de práticas discursivas e não discursivas, sintetizando na noção de dispositivo formulada em suas palestras e entrevistas. Um deslocamento da arqueologia para a genealogia do poder e da ética, período em que o filósofo chegou ao entendimento de que as subjetividades são produzidas não só pelo que os homens dizem, mas também pelo que fazem, ou seja, pelo dito e o não dito, em que o dizer e o fazer interligam todos os elementos que produzem a subjetividade e as representações.

Para Deleuze (1991) todo dispositivo é composto por quatro dimensões que o tornam operacional as práticas de análise de discurso foucaultiana. Essas quatro dimensões são as curvas de visibilidade, ou seja, ele precisa ter visibilidade, que remete ao jogo de visibilidade e invisibilidade. Outra dimensão é a enunciabilidade, todo dispositivo tem aquilo que ele enuncia/diz excessivamente e aquilo que ele apaga obsessivamente, é o jogo do dizer e não dizer, são as curvas de enunciabilidade. Essa dimensão é bem perceptível no dispositivo midiático onde aquilo que se diz e se mostra é controlado pelos poderes. Temos enunciados repetidos excessivamente e outros ocultados como se fosse feito uma assepsia naquilo que não pode ser dito.

A terceira dimensão é exatamente as linhas de força, onde acontecem os jogos de poder e isso tudo produz as linhas de subjetividade. Ou seja, a subjetividade é o resultado de todos esses jogos, de tudo que se mostra e se oculta, aquilo que Foucault (2003) chamou de linhas de fuga que é algo pertinente para se pensar as identidades como identificações inconclusivas.

Essa noção de dispositivo torna operante práticas de análise de discurso enquanto prática sócio-histórica, que estuda o que nos tornamos na atualidade a partir daquilo que foi discursivamente estratificado e consolidado em um contexto histórico e político, nos permitindo pensar a identidade como plural, como processos e linhas de fuga, entendendo a subjetividade como um dos efeitos dos dispositivos que nos atravessam nas relações de poder.

Todos os conceitos trabalhados em arqueologia são importantes para compreender as posições que assumimos nas práticas discursivas e não discursivas. E nesse sentido, a análise do discurso pode ser operacionalizada a partir do estudo de dispositivos, tais como a sexualidade, a mídia, a escola, etc, que enquanto dispositivos sustentam-se nessas quatro dimensões citadas acima, naquilo que Foucault (2003) chamou de genealogia da ética e do poder.

## V. Sujeito

Para compreender um pouco melhor o conceito de sujeito na análise do discurso, precisamos entender o conceito de discurso. Como abordado anteriormente, o discurso é analisado a partir da memória e do caminho social em que origina. Assim, é imprescindível levar em consideração o interdiscurso e, analisando o interdiscurso, podemos compreender como o discurso funciona, qual a sua relação com o sujeito e a ideologia. O analista de discurso, em suas análises, precisa considerar, reconhecer, valorizar, relatar e descrever com detalhes as condições de produção do que é dito, tanto as condições mais restritas quanto aquelas condições mais amplas de produção discursiva.

Pêcheux (1988) ainda fala que ao interpretar, o analista do discurso o faz a partir de atos de tomadas de posição, portanto, são para ele gestos de interpretação, marcados pela história, ideologia e o inconsciente. Entendemos assim que, o próprio analista de discurso precisa fazer tomada de posições, não sendo isento ao gesto de interpretação.

Para a análise do discurso, os sentidos são criados pelos sujeitos que estão historicamente posicionados, através de um processo simbólico afetado pelo inconsciente e ideologia. No entanto, mesmo determinando os sentidos, o processo escapa ao controle e às intenções do sujeito. Assim, o discurso passa a ser histórico, materializado na língua, oferecendo múltiplas possibilidades de interpretação. E essa relação não é apenas de sujeito com discursos, mas também de discursos com outros discursos.

Nesta perspectiva discursiva, se impossibilita pensar a constituição do sujeito separado da constituição do seu discurso. Michel Foucault (1987) diz que o discurso cria sentidos relacionados às posições-sujeito. O sujeito, então, vai se constituindo pela disparidade e multiplicidade de tais discursos e, quando enuncia, ocupa várias posições.

Trazemos aqui o sujeito como uma concepção Lacaniana. Visto que Freud nunca falou de sujeito. Ele falava do /ir/ (termo alemão que significa o eu). Lacan (1970) traz várias derivações desse “eu” e uma delas é o sujeito. Em que o sujeito não é o “eu”. Lacan (1970) conceituou o sujeito enquanto não sendo a pessoa, não sendo o indivíduo, o sujeito não é o “eu”. O sujeito difere do “eu”.

Para Lacan (1970), o sujeito da psicanálise: é o sujeito do inconsciente, esse outro estranho que nos habita e que nos leva a tropeçar na língua. Este sujeito recebe do Outro um discurso, um lugar que virá a fazer parte de sua história e o formar enquanto sujeito. Este é constituído pelo funcionamento do inconsciente e da ideologia que leva o indivíduo a se identificar com uma certa posição, a se estabelecer enquanto sujeito dentro daquele discurso, dentro de uma formação discursiva e, assim, se constitui a sua fala.

Ainda para Lacan (1970), o sujeito dividido não é um sujeito unificado, é pois sujeito a falhas. Ele vai se constituindo no discurso por essas relações entre ideologia e o inconsciente, mesmo que não lhes seja perceptível. Essa relação se dá pela linguagem, por isso a sua materialidade, através dessa ideologia, desse inconsciente. Mas isso não é transparente para o sujeito. Daí, vem a ilusão de acharmos que somos donos do nosso dizer, quando na verdade reproduzimos discursos outros.

Portanto, o sujeito de Lacan é o inconsciente, não é o eu, é o ele. É um outro. Ele que vai ser interpretado, desvendado. A ele será dado um sentido. Ele será o material de análise para a psicanálise. Porque o sentido da interpretação dado a ele não vem do eu, vem de um outro. Ele é constituído a partir de um outro, a partir da relação com um outro. Surge no campo de um outro e o que ele representa para outro significativo.

Assim, entendemos que para Lacan (1970) a descoberta do sujeito acontece pelo outro. Eu, enquanto indivíduo, me constituo quando um outro me atribui um sentido. Quando outro me interpreta. Quando o outro atribui a mim significações. Por isso que Lacan (1970, p. 411) vem dizer que o "sujeito é o que um significante representa para outro significante".

Como dito anteriormente, o surgimento do sujeito se dá ao nível inconsciente. Porque está submetido a uma alienação. Visto que o inconsciente é aquilo que produzo quando não quero produzir, o sujeito passa ser a falha do meu ato de falar. É a ideologia me atravessando inconscientemente.

Ainda sobre o sujeito, Lacan (1970) introduz a ideia de alienação. Para ele, esta é própria do sujeito. Ele nasce por ação da linguagem. Ele nasce no universo a partir do discurso de um grande outro, do qual não tenho escolhas. A mãe é o primeiro grande outro, que oferece ao eu os significantes/representações, por meio da linguagem, que irão se tornar seu inconsciente enquanto sujeito. O sujeito não é o cerne e a origem de sentido, lembra Pêcheux (1988), visto que ele enuncia o discurso de forma a relacioná-lo com o discurso do outro.

Ainda, para o Volóchinov (Círculo de Bakhtin) (2017), a língua, sujeito e o mundo social se encontram na ideia de que a mente é habitada por signos que possuem uma natureza social, ideológica e dialógica. Assim, podemos dizer que o sujeito concebido pelo Círculo não possui autonomia e nem cria sua própria linguagem, mas, ele é constituído na relação com outros sujeitos, perpassada por diferentes usos da linguagem conforme a esfera social em que está inserido.

Tais esferas sociais e os usos da língua são regulados segundo fatores socioeconômicos. Seria impossível, então, para o Círculo, que o sujeito se constitua sem a relação com o outro. Nesse contexto, a singularidade dos indivíduos é possível devido ao caráter plural e heterogêneo da própria realidade: porque

existem variadas vozes, verdades, pontos de vista, etc. Assim, para Volóchinov (Círculo de Bakhtin) (2017), o sujeito tem certa autonomia na escolha das verdades das quais vai se atrelar. Então, temos um sujeito do conflito, ou seja, um sujeito com a consciência carregada por signos onde a luta de classes ocorre.

Por trás desta visão conflituosa da linguagem e da realidade se encontra uma visão política de mundo, que pode ser assemelhada à concepção foucaultiana de que as relações intersubjetivas são, fundamentalmente, relações de poder. Por causa dessas tensões onde a luta de classe ocorre que o processo de constituição da identidade desse sujeito é inacabado e permanece em constante modificação, sobre isso que falamos a seguir.

## **VI. Identidade**

O que seria identidade? Como tocá-la, como analisar sua materialidade, compreender aquilo do que ela é feita, constituída? Durante os textos lidos na disciplina “Discursos, Sujeitos e Identidades”, o conceito de identidade foi se esvaindo como um castelo de areia que não resiste ao maremoto discursivo dos diferentes teóricos apresentados.

E partindo das leituras de Gramsci (1987, 1989) e Foucault (1987) fomos dialogando e entrelaçando diferentes leituras e análises acerca da identidade, o que reforçou alguns questionamentos e alimentou algumas dúvidas. Pois a identidade fixa e permanente que outrora existia em cada um de nós foi se deslocando e se fragmentando, ocasionando uma crise de identidade (HALL, 2006), um emaranhado de incertezas sobre pertencimento e identificação. Hoje, não teríamos a certeza de nos definir, o que podemos intuir é que, atualmente, nossas identidades são (algumas vezes) contraditórias.

Mas, o que somos ou quem somos? Como nossas subjetividades foram sendo construídas, ou melhor, por que foram construídas? Seguindo os questionamentos dessas tramas identitárias que foram sendo “deslocadas” e “fragmentadas”, trazemos à baila um dos teóricos que pode nos ajudar nessa equação: Gramsci (1989, 1987). Para o autor, todo o homem possui “concepções de mundo” (GRAMSCI, 1989). Tal concepção de mundo faz com o que homem promova determinadas formas de pensar e agir, compartilhando valores e normas de conduta moral.

Além disso, Gramsci (1989, p.14) afirma que a consciência humana é contraditória, pois há “um contraste entre pensar e agir, isto é, uma coexistência de duas concepções de mundo, uma afirmada por palavras e outra que se manifesta na ação efetiva”. Em outros termos, o intelecto humano e sua conduta estão, frequentemente, em contradição. O homem é um ser contraditório.

Segundo o autor, a linguagem, a religião, o folclore, a ideologia e a política são concepções de mundo e estão coerentemente, sistematicamente integradas (GRAMSCI, 1987). A ideologia, por exemplo, é uma concepção de mundo que se “transforma num movimento cultural” (GRAMSCI, 1987, p.16), estando presente nas manifestações artísticas, na atividade econômica e na vida individual e coletiva. É por meio da ideologia que o homem se vincula a um determinado grupo social, sendo sempre conformista de algum conformismo, sendo sempre “homens massas” ou “homens coletivos” (Ibid., p.12).

É por isso que o conceito de identidade gramsciana tem uma essência cultural, histórica e política. Pois a escolha de uma determinada concepção de mundo foi resultado da “submissão ou subordinação intelectual” (Ibid. p.12). Uma construção identitária modelada e construída, ao longo do tempo, para o benefício de uma determinada classe dominante. Uma identidade previamente definida e difundida por estruturas ideológicas como a igreja, a escola e os meios de comunicação. Essas instituições veiculam como devemos agir e pensar, formando um senso comum (de ideias, conceitos, visões de mundo).

Tal construção ou absorção dessas ideologias em nosso inconsciente pode acontecer tanto de forma coercitiva como consentida. Passamos a acreditar sem questionar e muitas vezes não temos a consciência de que tais ideias foram se cristalizando em nossas subjetividades a partir das práticas discursivas dos campos de conhecimentos em que estamos socialmente imersos.

Podemos estar equivocados em nossas análises acerca dos textos de Gramsci (1987, 1989), mas há em sua escrita um sussurro intencional de nos revelar o poder homogeneizante das estruturas ideológicas (classe dominante), buscando construir uma identidade específica, tentando moldar um sujeito (assujeitado) adequado, naturalizado por um discurso (histórico, político e social) que silencia e discrimina as minorias. A visão crítica e apurada de Gramsci deve ter sido o crime cometido por ele e pago com sua prisão durante o regime fascista, uma tentativa de calar um filósofo e conter um ativista.

Apesar de estar preso, Gramsci conseguiu questionar o que estava posto e criticar os aparatos ideológicos que buscavam “padronizar” os sujeitos e suas identidades. Assim como ele, as ideias de Foucault (1987) trazem a mesma sinergia, o mesmo movimento de questionar a formação das nossas identidades a partir de uma construção discursiva que envolve relações de poder. O pensamento foucaultiano nos convida a questionar essa suposta identidade que nos delimita e aprisiona.

Um convite a problematizar o sentido oculto das coisas, a investigar os “discursos instauradores” ou “construtores” das nossas identidades. E como podemos realizar tal tarefa? Como devemos iniciar esse retorno contrário das nossas identidades, até tal ponto em que assumimos que não temos uma identidade? Como

questionar uma identidade dispersa numa construção discursiva ininterrupta, que tenta nos definir? Quem somos nós que vilanizamos os negros? Quem somos nós que aprisionamos as mulheres, impingindo normas e condutas de comportamento? Que formações discursivas estão sustentando nossas identidades?

Só conseguimos responder que, atualmente, seguimos e obedecemos a um conjunto de regras, de signos. Somos produtos de vários discursos: político, religioso, feminista, econômico, machista, estético, de concordância ou resistência. Discursos que se interpenetram, que coexistem entre si num movimento incessante e que estão a sustentar nossas identidades. E, se você insistir em nos questionar sobre o que preferimos ser neste momento, vamos parafrasear o cantor e compositor brasileiro Raul Seixas: eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante, do que ter a velha opinião formada sobre tudo.

## VII. Conclusão

Neste artigo, discorremos sobre as categorias de análise discurso, sujeito e identidade por meio do diálogo com diversos autores, dentre eles Bourdieu, Gramsci, Foucault, Pêcheux, Lacan e o Círculo de Bakhtin. Apesar de termos organizado o texto em seções individuais para cada categoria, o que percebemos é que estas palavras/conceitos estão conectadas, atravessadas umas pelas outras.

Portanto, ao tratar de discurso, partimos da premissa de que identidade, sujeito e discurso estão interligados visto que “não há identidade sem sujeito e não há sujeito sem discurso” (HALL, 2006). Assim, bebemos na fonte de Bourdieu, Gramsci, Foucault e Pêcheux trazendo alguns conceitos, como, por exemplo, enunciado, formação discursiva, interdiscurso e intradiscurso, que consideramos essenciais para compreender a noção de discurso como objeto histórico que se materializa através da língua e que mantém relação com outros discursos.

Neste contexto da análise do discurso, a partir de Pêcheux, Foucault, Lacan e o Círculo de Bakhtin, entendemos sujeito como um ser atravessado pelo inconsciente e pela ideologia, socialmente produzido dentro de um espaço/tempo, cuja constituição é indissociável da constituição do seu discurso.

No que diz respeito à identidade, ao dialogar com Gramsci e Foucault chegamos a uma compreensão de identidade construída a partir de estruturas ideológicas, seja de forma coercitiva ou consentida, cuja formação somos instigados a questionar. Ao conceber identidades como abertas, contraditórias, plurais, fragmentadas e descentradas, Hall (2006) aproxima-se das categorias de análise de Gramsci, Lacan e Foucault ora mencionadas no texto, nos fazendo pensar/reconhecer a importância desses estudiosos para o descentramento do sujeito.

Os aspectos abordados neste artigo assumem relevância em nossa constituição enquanto pesquisadores de um programa que se propõe por meios de estudos da linguagem problematizar essas categorias, nos permitindo compreender melhor nossas escolhas teóricas, que precisam ser assumidas com a clareza de suas implicações nos estudos que nos propomos a fazer sobre discurso, sujeito e identidade. Entendemos ainda que, o uso mais consciente dessas categorias requer outras leituras, a partir das provocações filosóficas suscitadas na disciplina Discursos, Sujeitos e Identidades.

## Referências

- [1]. DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- [2]. GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da História. 78ed. Trad. bras. Cartos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- [3]. GRAMSCI, Antonio. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. 78 ed. Trad. Luiz M. Gazzaneo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- [4]. HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2006.
- [5]. FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org). Estudos do discurso: perspectivas teóricas. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- [6]. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- [7]. FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. IV (Estratégia, poder-saber), 2003.
- [8]. FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.
- [9]. FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. Repensar a Política.(Coleção Ditos e Escritos VI). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- [10]. FOUCAULT, Michel. Ética, Sexualidade, Política. 2.ed. (Coleção Ditos e Escritos V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- [11]. OLIVEIRA, Luciano Amaral. Gramsci. In. OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org). Estudos do discurso: perspectivas teóricas. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- [12]. PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. 1ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- [13]. PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso. Campinas: Ed da UNICAMP, 1988.
- [14]. SILVA, José Otacílio da. Bourdieu. In. OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org). Estudos do discurso: perspectivas teóricas. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- [15]. VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.